

O idoso e seu cotidiano no imaginário feminino de meia-idade: um estudo em representações sociais

Roselisa Crespi Martins*

O objetivo do estudo foi realizar uma pesquisa exploratória acerca das representações sociais da velhice entre mulheres na meia-idade. Participaram do estudo quatro mulheres, entre 40 e 45 anos, submetidas ao procedimento do *Desenho-Estória com Tema*. O material obtido foi submetido a uma análise de conteúdo de orientação psicodinâmica, da qual emergiram duas categorias principais de representações: uma delas, ligada à representação de *ser idoso* e a outra, relativa à *vida cotidiana do idoso*. Os resultados se aproximaram dos demais estudos sobre o tema, evidenciando uma tendência a representações predominantemente negativas sobre a velhice.

Palavras-chave: representação social, velhice, meia-idade.

Abstract

The elderly and their daily routine in the middle-age feminine imagery: a study of social representations

This paper examines the social representation of middle-aged women. The sample was composed of 04 women, aged from 40 to 45, who underwent the *Desenho-Estória com Tema* procedure. Concerning the methodology, a content analysis was employed. Results showed two categories of social representation: *being old people* and *old people's ordinary life*. Results are similar among other researches, indicating a tendency to consider *old age* mainly in a negative view.

Key-words: social representation, elderly, middle-age.

Introdução

A elevação do número de pessoas idosas na população tem nos colocado diante da urgência de reconhecer essa realidade e suas implicações, com imediato planejamento. Enquanto profissionais da área de saúde, importa-nos a profilaxia da terceira idade, tendo por imprescindível a construção de um saber que possa ser norteador das práticas psicossociais voltadas aos idosos.

Nery (1988) ressalta que, o desconhecimento do que significa ser velho, possa induzir a práticas tendenciosamente ideológicas, que contribuam para a perpetuação de mitos, estereótipos e preconceitos quanto à velhice.

Sabe-se que a civilização ocidental produz a marginalização dos mais velhos, como resultado de uma organização econômica que dispensa a colaboração dos que atingem mais de 45 anos. Essa ordem social perversa, com vistas em interesses mercadológicos, induz os indivíduos ao culto da juventude e da beleza, sendo que tal ideologia contribui para o sofrimento psíquico dos mais velhos.

Embora envelhecer seja parte do desenvolvimento humano, implicando aquisições e

*Psicóloga, mestranda em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, bolsista CNPq sob orientação da Dr^a Elisa M. P. Yoshida

Endereço para correspondência: Rua Genebra, 230 apto 102, Bela Vista, CEP 01316-010, São Paulo, SP, Fone (011) 607-7309.

perdas, tem-se muitas evidências de que nem sempre seja assim representado no imaginário social. Com maior frequência, o envelhecer aparece associado ao declínio das capacidades e funções do indivíduo, ou seja, referido unicamente às modificações relacionadas com as perdas. Santos (1994) assegura que, a partir do estudo das representações sociais da velhice, se pode compreender o peso do envelhecimento para o sujeito, levando à inserção social dos idosos em um grupo de referência negativa.

As representações sociais podem ser entendidas como formas de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, que servem como orientação para os comportamentos da vida diária. Assim consideradas, seriam estruturas cognitivo-afetivas, porém construídas através do social (Jodelet, 1989 apud Spink, 1994). Ou ainda, segundo Malrieu (1977) as representações seriam elaborações psíquicas complexas onde se integram, em uma imagem significativa, a experiência de cada um, os valores e as informações circulantes na sociedade.

A representação social da velhice tem se constituído um tema de interesse dos pesquisadores brasileiros. Aponta-se o estudo de Medrado (1995) entrevistando idosos no nordeste, quer no contexto institucional (asilados), quer no contexto urbano ou rural, evidenciando a atribuição de características basicamente negativas à velhice, apropriadas por eles de maneira *naturalizante*. Dias (1995), no Rio Grande do Sul, investigando as representações sociais da velhice em um grupo de idosos participantes de uma universidade da terceira idade, chegou a duas categorias de representações: uma, de cunho negativo, referindo-se ao indivíduo que não consegue lidar com as mudanças inerentes à idade, e outra, positiva, relacionada aos que en-

contram maneiras de lidar com tais mudanças. Nesse estudo, a instituição aparece como um ambiente favorecedor dessa segunda representação do envelhecimento, onde os indivíduos incorporam maneiras de entender e viver bem a velhice. Já a pesquisa de Lopes (1995), conduzida em São Paulo, sobre as terminologias utilizadas para nomear a velhice, revela necessidades de negação e temores com relação à morte, ocultos em rótulos difusos como “pessoa idosa”. Santos (1994) investigando representações de velhice em pernambucanos idosos (acima de 50) e não-idosos (entre 20 e 49), constatou uma maior atribuição de elementos negativos, tais como inutilidade, doença e dependência. Representações positivas de velhice, também encontradas, eram mais frequentes entre percebidos não-idosos. Tais pesquisas têm em comum, no tocante ao aspecto metodológico, o emprego de instrumentos advindos da Psicologia Social, conforme a tradição no estudo das representações, utilizando-se basicamente de Entrevistas estruturadas/ semi-estruturadas ou Questionários. No tocante a resultados, vêm evidenciando a prevalência de um modelo negativo de velhice, apontando, no entanto, que as representações de natureza positiva também circulam na sociedade, sobretudo entre percebidos não-idosos.

O presente estudo foi realizado visando conhecer algumas das representações da velhice no imaginário feminino de meia-idade. Partiu-se da suposição de que, a partir da meia-idade, as mulheres se veriam mais confrontadas com vivências típicas de envelhecimento, suscitadas, por exemplo, pelo crescimento dos filhos, pela proximidade da aposentadoria, pelo envelhecimento ou perda dos pais, pelas modi-

ficações no próprio corpo e pela aproximação da menopausa.

Metodologicamente, pensou-se na utilização de um instrumento clínico para o estudo de tais representações, considerando-se a vantagem das técnicas projetivas em termos de uma expressão mais livre e menos defensiva dos sujeitos, à moda dos testes gráficos e temáticos.

Nesse particular, destaca-se o procedimento do *Desenho-Estória com Tema*, desenvolvido por Tofolo (1990) para o estudo das representações sociais. Tal procedimento tem se revelado bastante útil para a investigação dos aspectos mais profundos (afetivos e inconscientes) das representações. Em especial, quando se trata de um tema difícil como a velhice, o emprego de tal método clínico supostamente evitaria maiores resistências, dado o caráter projetivo e lúdico do instrumento. Além disso, o método projetivo poderia prevenir uma tendência a dar unicamente respostas *politicamente corretas*, dado que a valorização do idoso como digno de respeito e detentor de sabedoria também se constitui uma forma de pensar circulante na sociedade (Santos, 1994).

Método

Sujeitos

A amostra foi constituída por quatro mulheres, entre 40 e 45 anos de idade, sem antecedentes ou distúrbios psiquiátricos.

Todas trabalhavam como funcionárias de um hospital geral, em São Paulo, pertencendo à categoria de agentes administrativos. Recrutadas por facilidade da pesquisadora de acesso à amostra, foram pessoas que se dispuseram a colaborar, não havendo, no entanto, vinculação de amizade pessoal com a pesquisadora. Quanto ao estado civil, casadas. Duas delas possuíam

nível de escolaridade superior completo, uma delas, nível superior incompleto e a outra, segundo grau completo.

Instrumento

Para investigar as representações sociais de velhice utilizou-se o *Desenho-Estória com Tema* (Tofolo, 1990), onde uma representação gráfica (desenho) se converte em estímulo aperceptivo temático a partir do qual o sujeito elaborava uma estória.

Material

Produções gráficas (desenhos) e temáticas dos sujeitos (transcrições das estórias).

Procedimento

Os sujeitos foram convidados a colaborar, sendo informados de que se tratava de um trabalho acadêmico da pesquisadora, em função de curso de pós-graduação em Psicologia.

Rapport:

Na data combinada, os sujeitos eram minimamente informados com relação aos objetivos do estudo, sendo-lhes dito, basicamente: “em Psicologia estamos interessados em estudar a imaginação e a vida mental das pessoas, através de diversas técnicas, como entrevistas e desenhos, e nesse estudo estaremos utilizando um pouco das duas coisas.”

No caso de confirmarem sua participação, os sujeitos eram consultados acerca de sua concordância com as gravações, sendo-lhes assegurado o sigilo profissional e o tratamento ético das informações.

Havendo acordo, acionava-se o gravador, procedendo-se à aplicação dos *Desenhos-Estórias*.

A aplicação:

Realizou-se em duas etapas distintas:

Primeira etapa - "Aquecimento"

Essa etapa teve por função familiarizar o sujeito com o procedimento, preparando também o caminho para a emergência de planos mais profundos de seu psiquismo. Considerou-se que iniciar a aplicação pela solicitação direta de "desenhar uma pessoa idosa", poderia ser impactante e mobilizar excessivamente as defesas. De acordo com Trinca (1972) quando o sujeito realiza uma seqüência ou série de provas gráficas ou verbais, vai alcançando maior profundidade de expressão, favorecendo a ativação sucessiva de mecanismos e dinamismos inconscientes.

Em seguida ao *rapport*, o sujeito recebia papel e lápis, sendo-lhe solicitado o desenho de uma pessoa qualquer. Concluído o desenho, solicitavam-se as histórias sobre o cotidiano da pessoa representada: "imagine como seria um dia da semana na vida dessa pessoa. Conte para mim". E, a seguir, numa instrução análoga, solicitava-se a história sobre o final de semana: "conte como seria o domingo dessa pessoa".

Seguia-se um breve inquérito visando esclarecimentos acerca da idade da pessoa representada, alguma sondagem acerca de seu mundo interno (seus sentimentos, pensamentos, expectativas, desejos, receios, etc), bem como de algum detalhe necessário para a compreensão da história.

Segunda etapa: Desenho da pessoa idosa

Entregava-se outra folha de papel sulfite, instruindo-se: "desenhe, agora, uma pessoa idosa".

Após o desenho, eram solicitadas as histórias transcorridas num dia de semana e num domingo da pessoa idosa, nos mesmos moldes das

instruções anteriores, concluindo-se com a fase de inquérito.

Ao término, feitos os agradecimentos, combinava-se uma data para uma entrevista devolutiva, caso houvesse interesse.

Resultados e discussão

Para a análise dos resultados, levou-se em consideração o conjunto das produções gráficas e temáticas dos sujeitos relativas à pessoa idosa, tentando-se uma apreensão global dos significados de velhice a partir de uma perspectiva psicodinâmica.

Esclarece-se, no entanto, que a análise da psicodinâmica de cada sujeito da representação, embora evidenciadas nas expressões gráficas e temáticas, foge ao escopo do presente trabalho. Os dados, evidentemente permeados pela intra-subjetividade dos percebedores, aqui são tomados com relação à teoria de representação social, explorando-se possíveis significados da velhice enquanto expressões de um imaginário coletivo (que é afetivo e cognitivo), lembrando-se que cada sujeito é representativo do grupo social a que pertence.

As produções temáticas, ou seja, as histórias sobre a pessoa idosa, transcritas na íntegra e submetidas a uma análise de conteúdo, possibilitaram a emergência de duas categorias principais de representações sociais:

1. Relativas ao significado de *ser idoso*: incluindo representações que procuram caracterizar *quem é* o indivíduo idoso.

2. Relativas à *vida do idoso*: representações da vida cotidiana do idoso, em um dia típico de semana e ao final de semana.

No tocante ao grafismo, as quatro Figuras (1,2,3 e 4), abaixo apresentadas, indicam os

desenhos de pessoas idosas realizados pelos sujeitos das representações.

A Figura 1 representa o idoso situado à metade esquerda da folha, num desenho pequeno e frágil, tipo homem-palito. Sentado, olhos vazios, adornado por indumentárias de proteção: chapéu e cachecol. O sujeito, comenta, espontaneamente, durante a realização do desenho: “eu nunca desenhei uma pessoa idosa, nunca mesmo. Não sei nem como. Vou tentar fazer alguém sentado (...) Vou tentar pôr um cachecol aqui. Um chapéu... não era assim que eu queria fazer, queria fazer um chapéu de idoso mesmo... o cachecol aqui.” O inquérito permitiu esclarecer que o homem representado, aos 74 anos, estaria sofrendo os efeitos da limitação da visão: “teria uma vida ativa, se ele não tivesse perdido a visão”. Sugere um desenho regressivo, refletindo fragilidade e necessidades de proteção e amparo.

A Figura 2 representa uma idosa de perfil, postura fletida, cabeça inclinada para baixo, roupas compridas, mãos escondidas. Os comentários espontâneos, revelam a dificuldade na realização do desenho: “não tem borracha, né? Ai, não consigo...” [fica repassando os traços do rosto]. Ao inquérito, o sujeito esclareceu: “uma mulher... as costas meio curvadinhas. Eu queria fazer assim, de perfil, mas não saiu, então eu fiz ela mais de costas... com o rosto virado... Teria, vamos supor, 65 anos, aqui.” Essa pessoa, representada de costas pra vida, sugere retraimento de interesses e de contato interpessoal e desajuste frente ao meio.

A Figura 3 mostra o idoso de pé, porém apoiado em uma bengala. A cabeça protegida por um chapéu. Olhar baixo, nos lábios, um sorriso monolinear. O tronco é uma caixa quadrada, os braços abertos e para trás. O desenho foi

feito em silêncio. Às perguntas iniciais do inquérito, o sujeito esclareceu: “é um homem, teria muita idade, mais ou menos seus 70, 80 anos, você vê, as calças dele meio largas, a blusa sobrepõe, né?” O idoso é representado rígido, braços para trás, sugerindo pouca espontaneidade, aderência ao convencional e à expressão estereotipada das emoções (sorriso forçado no rosto, enquanto no peito quadrado pode residir uma hostilidade encoberta).

A Figura 4 é uma figura pequena, representada na metade esquerda da folha, olhos vazios, o tronco é uma caixa quadrada, com botões. O pescoço são duas linhas paralelas, rígidas, as mãos em bolacha, dedos em alfinete. Aparece uma indumentária de proteção - chapéu. Comentários durante a realização: “sou ruim de desenho pra caramba... não tem nada a ver desenho comigo...” Ao inquérito, acerca da idade e sexo: “eu imaginei uma pessoa já de idade (...) uma pessoa que trabalha bastante, super ativa, trabalha muito”. O desenho, um tanto empobrecido, sugere dependência afetiva, egocentrismo, agressividade infantil.



Figura 1



Figura 2

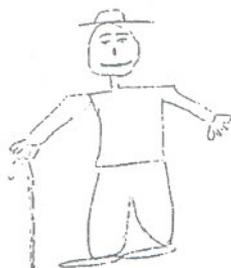


Figura 3



Figura 4

Em comum, o aspecto gráfico permitiu evidenciar representações de figuras regressivas, sugerindo certo empobrecimento e estereotipia (evidente sobretudo pelas indumentárias “típicas”: chapéu, bengala, cachecol), baixa energia (postura fletida, representação de pessoa sentada ou apoiada em bengala), evidenciando-se também um aspecto de desajuste (ou imaturidade) no enfrentamento das situações frente ao meio (perfil, olhos vazados, desenhos infantis).

Com relação às estórias produzidas pelos sujeitos, a análise de conteúdo permitiu evidenciar duas grandes classes de representações, conforme se segue:

1. Representações de: “ser idoso”

A primeira constatação diz respeito à idade da “pessoa idosa”. Verificou-se que as mulheres do estudo situaram o idoso como pessoas acima dos 65 ou 70 anos.

Entre três dos sujeitos da amostra, foram encontradas representações do idoso como alguém confrontado com o declínio das capacidades físicas, sofrendo limitações, principalmente, na marcha e na visão. Algumas falas que ilustram isso: “ele (o idoso) usa bengala, não pode andar muito”, “não enxerga bem para ler”. Tais limitações, na percepção de um sujeito, no plano psicológico estão associadas a inconformismo e depressão: “perdeu a visão e ficou bloqueado, não quer sair, fica sentado o dia todo”, “não admite, não aceita não enxergar”.

Em termos da saúde global, aparece toda uma gama de representações. Há o idoso saudável: “já é de idade, mas é forte, tem saúde”, “tem seus 70, 80 anos, mas não tem doença nenhuma”, “tem uma vida ativa, normal, sai, passeia, almoça fora, viaja”, “tem saúde, está sempre em

atividade”. O idoso sem saúde, ou com problemas: “é difícil o idoso que tenha saúde, (então) tudo é sacrifício, é dificuldade”, “teria uma vida normal se não tivesse perdido a visão”, “à noite, geralmente o idoso tem muita insônia”.

De qualquer forma, o idoso é visto como alguém que tem preocupações conscientes acerca da manutenção da saúde ou do bem-estar, físico e mental: “cuida da casa e se cuida”, “faz ginástica para manter o físico”, “trabalha, é produtivo, tem muita atividade física, lê muito”. Um dos sujeitos refere as preocupações com cuidados médicos: “vai muito ao médico, sempre o médico ali, como um orientador”.

O temor à morte foi, na maior parte das vezes, tangenciado, apenas insinuando-se nos discursos dos sujeitos, expressando-se através de preocupações com a doença e o envelhecimento: “o receio dele é ficar doente”, “receia cair numa cama”. Apenas um dos sujeitos se ocupa diretamente da questão da morte: “fica esperando a morte chegar (...) vive pensando quanto tempo mais vai ter de vida”.

As mulheres do estudo representaram o idoso como religioso, praticante e apegado à sua fé: “a maior parte tem uma religião, se apegam a isso”, “participam muito, vão à igreja”.

Acerca das necessidades afetivas do idoso, destacou-se um consenso: a carência. “São carentes de atenção e de carinho”, “são agradecidos quando recebem atenção”, “sentem falta de atenção, a pessoa de idade gosta de atenção”.

Foram representados também como ávidos de relacionamentos: “ficam esperando o domingo para se reunir com os filhos e netos”, “tem o maior prazer em receber qualquer pessoa(...) ficam tristes quando a gente vai embora”, “(os sem família) vão visitar os amigos para não ficar sozinhos”.

A relação que o idoso estabelece com seu meio, em termos de independência ou dependência, também é identificada nas representações. Entre as representações de dependência, encontram-se algumas fundadas no comprometimento físico: “teria uma vida ativa, se não tivesse perdido a visão”, e outras, sem qualquer justificativa plausível, sugerindo uma atribuição de incapacidade estereotipada: “não pode mais viajar sozinho, a idade já não dá, não vai se aventurar na rodoviária, por exemplo, então ele espera que a nora dele promova esse passeio”. Ter um poder econômico também é apontado como um fator que promove autonomia: “os de nível sócio-econômico elevado viajam de avião pra lá e pra cá” e de valorização: “o velho tem as coisas dele, o dinheiro dele, inclusive ajuda o orçamento da família (...) vive com o filho, mas a casa é dele, então existe o respeito”. O velho que reúne saúde e boa condição financeira parece ter melhor controle de sua vida: “não é aquele aposentado parado, trabalha muito, é produtivo (...) sai bastante também, (ele e a mulher) vão visitar parentes que moram longe, viajam bastante”.

Os idosos vivem o presente ou fazem considerações sobre o futuro? Uma das mulheres considera o idoso preso ao presente: “(o idoso) tem ambição pouca”, “quer viver bem, ver o sol, que corra tudo bem pra velhice dele”. Outras duas, sugerem uma inclusão do futuro: “trabalha (...) tem ilusões, tem sonhos, não esmorece”, “quer fazer muita coisa na vida, desabrochou pra vida aos 70 anos”. E outra, hesita: “será que ele (o idoso) tem alguma motivação, como a gente, em cada fase da vida?”.

O passado aparece também, como um tempo valorizado. Falas características: “os idosos gostam de contar a vida toda” ou “ele

conta coisas, conta coisas de quando ele era jovem, criança”.

Falou-se do idoso como adulto assexuado, as alusões ao prazer se ligando a atividades solitárias e infantilizadas (ligadas a pulsões parciais): “gosta de tomar sua bebidinha”, “deve ter alguma coisa escondida no guarda-roupa, um pinico ou coisa parecida, uma revista ou jornal”.

O idoso foi considerado uma pessoa fragilizada e dependente. Uma fala bem ilustrativa: “não é mais o mesmo, precisa de proteção e apoio”.

Tentando uma síntese, verifica-se que, para três mulheres, as representações parecem referidas predominantemente às perdas da velhice, reforçando os aspectos negativos, como a monotonia, a dependência e as restrições de vida. Em uma das mulheres, no entanto, as representações assumem um tom vigoroso e construtivo - aparece a visão do idoso como: “um exemplo de vida”, alguém que “tem sonhos, tem ilusões, não esmorece para nada”, “ainda trabalha bastante, é ativo”, “faz conta, raciocina rápido, lê muito”. Nessa concepção, o idoso é bem informado e atualizado, socialmente participativo: “pode estar entre uma porção de jovens, ele está participando, entre adultos, criança, entre velhos, o papo dele é bom (...) é uma conversa sadia.” O idoso que se permite assumir novos papéis: “sempre foi severo com os filhos, já com os netos ele é bem aberto, fazem dele gato e sapato.” O idoso, em suma, representado como alguém pulsante, cheio de vida, em sintonia com o presente e interessado no futuro.

2. Representações acerca da “vida cotidiana do idoso”

Uma vez aposentado, o idoso foi visto por um sujeito como alguém “à toa”, que passa o dia em atividades descompromissadas: “não têm muita atividade, querem ocupar o tempo com alguma coisa, se entreter”, “(o idoso) gosta de ir até a calçada, pôr uma cadeira, tomar um sol, ficar podando uma planta”, “não tem o que fazer, dá uma volta no quarteirão, pára com algum amigo”.

Foram apontados também como pessoas interessadas no ciclo vital de bichos e plantas: “gostam de plantas, de flores, de animais”.

Aparecem representações que tornam os dias todos iguais (dias de lazer), anulando a distância entre o dia útil e o final de semana: “vai ao cinema, passeia, se diverte, vai ao *shopping*, faz uma ginástica”.

Outras representações parecem falar de dias iguais, numa conotação negativa, de “mesmice” e de repetição: “(o idoso) vai até a mercearia do filho e volta, caminha sempre no mesmo percurso”, “vai sempre à igreja, ele é porteiro de igreja”.

No entanto, o domingo, ao menos no tocante a um aspecto - a convivência familiar, é marcadamente destacado como um dia especial na rotina do idoso. Algumas falas ilustrativas: “aos domingos, fazem o almoço especial que os filhos e netos gostam”, “ficam esperando o domingo para todos os filhos e netos se juntarem a eles”, “todos os finais de semana a casa é cheia, vão os filhos, as noras, os netos, as namoradas dos netos (...) é a maior alegria para eles”.

Como um hábito da vida diária, destaca-se, unanimemente, o caminhar. Alguns dizeres ilustrativos: “ele (o velho) gosta de caminhar, anda sempre no mesmo percurso”, “anda quilômetros, porque faz bem à saúde”.

Ainda, observa-se que algumas representações, no tocante às atividades diárias do idoso tendem fortemente a estereotípias. Como: “acorda cedinho para levar o cachorro para passear”, “trabalha como voluntário numa creche, ou fazendo pano de prato para a igreja ou comunidade”.

Considerações finais

A gama e a diversidade de representações encontradas aprova o emprego do método do *Desenho-Estória com Tema* para a investigação das representações sociais da velhice.

Observa-se que as representações de cada sujeito são, no geral, ambivalentes, contendo visões positivas e negativas de velhice. Evidenciou-se, no entanto, uma ênfase dos sujeitos em representações de natureza negativa, sendo que tais resultados se aproximam das demais pesquisas sobre o tema. O imaginário feminino da meia-idade expressa as contradições de nossa sociedade com relação ao idoso, depreciado e também enaltecido, sugerindo, no entanto, uma prevalência da visão desabonadora.

Compreendendo que todo sujeito é representativo do grupo social a que pertence, pode-se inferir que as representações aqui levantadas sejam significativas para as mulheres de meia-idade, sugerindo-se, no entanto, uma ampliação desse estudo com amostras diversificadas.

Considera-se que, ampliar o entendimento de tais representações, possa favorecer o desafio de vencer visões estereotipadas e empobrecedoras da velhice, evitando a repetição de práticas tendenciosamente ideológicas e estimulando a mudança de mentalidade.

Pretende-se, dessa forma, incentivar a visão do envelhecimento como uma etapa passível

de ser vivida em plenitude, favorecendo-se a descoberta de maneiras mais adaptativas e criativas de lidar com as aquisições e perdas da velhice.

Referências Bibliográficas

- Dias, A.C.G. (1995) Representações sobre a velhice: o “ser velho” e o “estar na terceira idade”. *Resumos da XXV Reunião Anual de Psicologia da SBPRP*. Ribeirão Preto.
- Lopes, R.G.C. (1995) A negação da velhice através de um rótulo difuso: “pessoa idosa”. *Resumos da XXV Reunião Anual de Psicologia da SBPRB*. Ribeirão Preto.
- Malrieu, P.(1977) Language y representacion. *La Genesis da Lenguage*. Vários autores. Trad. de Guillermo Fener. Madrid: Pablo del Rio.
- Medrado, B. (1995) A vivência da velhice e suas implicações: um estudo intercultural. *Resumos da XXV Reunião Anual de Psicologia da SBPRB*. Ribeirão Preto.
- Neri, A. L. (1988) *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não-idosos*. Campinas: UNICAMP.
- Santos, M.F.S.(1994). Velhice - uma questão psicossocial. *Temas em Psicologia*, n.2.
- Spink, M.J. (1994) Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. *Textos em representações sociais*, S. Jovchelovitch e P. Guareschi (org). Petrópolis: Vozes.
- Tofolo, T.M.J.A.(1990) O uso de Desenhos-Estórias com Tema em Pesquisas sobre Representação social. *III Encuentro Latinoamericano de Psicologia Marxista y Psicoanálisis*. Universidade de Habana.